

Nigéria: uma fonte alternativa de energia para a União Europeia?

GUSTAVO PLÁCIDO DOS SANTOS

Instituto Português de Relações Internacionais e Segurança (IPRIS)

Os recentes eventos na Ucrânia e a ameaça associada à dependência energética da União Europeia em relação à Rússia—Moscou fornece um quarto das necessidades de gás natural na Europa, do qual 80% atravessa território ucraniano—tem levado Bruxelas, e as diversas capitais europeias, a considerar fontes alternativas que sirvam o propósito de aliviar essa dependência, aumentando deste modo a segurança energética europeia. Olhando para além da Rússia e da produção local (33%), os cinco maiores parceiros europeus são a Noruega (22%), Argélia (9%), Qatar (6%) e a Nigéria (2%).¹ Ou seja, a pequena representação do gás natural nigeriano no total das importações europeias não corresponde à real capacidade e potencial de Abuja em se tornar um parceiro energético estratégico.²

No entanto, o governo nigeriano parece ter essa vontade. À margem da reunião ministerial, no quadro do diálogo UE-OPEP, que decorreu em Bruxelas em Junho de 2014, a ministra do Petróleo da Nigéria, Diezani Alison-Madueke, referiu que “o governo federal [da Nigéria] reafirma a sua intenção de apoiar a segurança do fornecimento de gás natural a longo prazo aos países da União Europeia, como parte de medidas no sentido de expandir o mercado de gás da nação”.³

Esta abordagem estratégica da Nigéria ao mercado europeu é por um lado um sinal de que o Governo de Abuja reconhece na Europa um mercado de elevado potencial—o intuito da UE de diversificar fontes energéticas é crucial nessa avaliação—e por outro é um resultado dos recentes desenvolvimentos no mercado global de gás natural. Entre estas mudanças contam-se a viragem dos Estados Unidos para a exploração doméstica de gás de xisto, bem como a afirmação de Moçambique como um *player* importante no mercado de gás natural.⁴ Sendo um dos mais promissores países africanos em termos energéticos, o facto de Moçambique estar localizado junto ao Oceano Índico contribui para que as potências asiáticas foquem cada vez mais a sua atenção em Maputo.⁵ Neste âmbito, importa notar que a Ásia constitui o principal mercado de exportação de gás natural da Nigéria.⁶

Junho de 2014).

1 Dados relativos a 2012. Ver “Statistical Report 2013” (Eurogas, Dezembro de 2013), p. 6.

2 A Nigéria tem algumas das maiores reservas confirmadas de gás do mundo e é o quarto maior exportador de gás natural liquefeito (GNL).

3 “Nigeria promises to meet EU’s long term gas supply needs” (Platts, 25 de

4 As recentes descobertas de gás natural colocam o país como o terceiro país africano com maiores reservas confirmadas. Ver “Mozambique” (EIA, Julho de 2014).

5 Em finais de Outubro de 2014 o Governo de Maputo assinou acordos com a China, o Japão, os Emirados Árabes Unidos e empresas indianas. Estes acordos poderão culminar numa redução substancial da procura asiática por gás natural da Nigéria. “Nigeria’s LNG export threatened as Asian buyers turn to Mozambique” (Daily Trust, 4 de Novembro de 2014).

6 Os maiores importadores de GNL da Nigéria são o Japão (24%), a Espanha (19%), a França (12%), a Coreia do Sul (9%) e a Índia (7%). Importa ainda notar que parte do gás natural é exportado através do West African Gas Pipeline (WAGP).



Para a Nigéria, satisfazer as necessidades europeias de gás natural implica aumentar a sua produção. Nesse sentido, o Governo de Abuja tem já planeadas infra-estruturas adicionais de produção de GNL—para além da Bonny LNG, a única em operação—, como a Olokola LNG, a Brass LNG e a Train 7. Para esse fim, o Executivo terá, no entanto, de acabar com os constantes adiamentos nos projectos e resolver ainda o impasse, que dura há anos, sobre o projecto-lei aplicado à indústria do petróleo, o *Petroleum Industry Bill*.⁷ Caso estes obstáculos não sejam resolvidos a Nigéria arrisca-se a perder terreno para a concorrência internacional.

Entre os maiores beneficiários desta reorientação estratégica da Nigéria estarão certamente Portugal e Espanha. Lisboa e Madrid são já os dois maiores importadores europeus de GNL oriundo da Nigéria⁸ e fazem parte do pequeno clube de países da UE que não importa gás russo. Uma vez que um e outro não dependem energeticamente da Rússia, em princípio, Lisboa e Madrid terão maior margem de manobra para aproximar a UE à Nigéria. Tal requer, no entanto, avultados investimentos no que respeita à construção e desenvolvimento de infra-estruturas—algo que constitui um obstáculo significativo.⁹

Acresce que a alternativa nigeriana não é isenta de riscos para a segurança energética europeia, nomeadamente tendo em conta o fenómeno da pirataria no

Golfo da Guiné e a frágil estabilidade e segurança no Delta do Níger.¹⁰

Não obstante a aposta no GNL, a Nigéria pretende igualmente aumentar as suas exportações de gás para a Europa a partir de um gasoduto que liga o Delta do Níger—onde se encontram a maior parte das reservas de gás—à Argélia,¹¹ seguindo para a Europa através de gasodutos já existentes. Este gasoduto, o Trans-Saharan Gas Pipeline, terá um custo de 20 mil milhões de dólares. De acordo com o relatório de exequibilidade do projecto, o gasoduto será mais competitivo que o GNL uma vez que implica custos operacionais inferiores e menos desperdício. O relatório acrescenta ainda a “vantagem crítica” de o gasoduto fornecer igualmente gás a regiões africanas regularmente afectadas por elevados preços energéticos e pela desertificação.¹² Apesar da proclamada vantagem em termos de custos, o desenvolvimento do projecto apresenta diversos obstáculos. Para começar, garantir a totalidade dos 20 mil milhões de dólares será uma tarefa árdua. Em segundo lugar, alguns grupos militantes no Delta do Níger opõem-se à alocação de fundos ao projecto enquanto os problemas sócio-económicos da região não forem resolvidos.¹³ Em terceiro, alguns analistas afirmam

Entre os maiores beneficiários desta reorientação estratégica da Nigéria estarão certamente Portugal e Espanha. Lisboa e Madrid são já os dois maiores importadores europeus de GNL oriundo da Nigéria e fazem parte do pequeno clube de países da UE que não importa gás russo. Uma vez que um e outro não dependem energeticamente da Rússia, em princípio, Lisboa e Madrid terão maior margem de manobra para aproximar a UE à Nigéria.

7 Medida legislativa que visa resolver os desafios estruturais, operacionais, regulatórios e de investimento que enfrenta a indústria do petróleo e do gás. Para uma análise mais detalhada do projecto-lei ver “Bill Aims to Improve the Health of Nigeria’s Oil and Gas Industry” (*Open Society Foundations*, 30 de Maio de 2014).

8 Espanha importa 3,27 mil milhões de metros cúbicos anuais, Portugal 1,75. Ver “*World Oil and Gas Review 2014*, 3 de Outubro de 2014).

9 Acresce ainda que o aumento do volume de gás natural no mercado ibérico poderá permitir uma redução da dependência do petróleo.

10 Foco de instabilidade e insegurança ao longo das últimas décadas.

11 A Argélia é o segundo maior produtor africano de gás natural e segundo maior exportador para a Europa. A nível global é o sétimo maior exportador de GNL. “LNG First-Mover Algeria Seeking to Grow Exports” (*Natural Gas Intelligence*, 17 de Outubro de 2014).

12 Tal como o norte da Nigéria, o Níger, o sul da Argélia, o Burkina Faso e o sul do Mali. Ver “Nigeria – Algeria Pipeline” (*Ministério dos Negócios Estrangeiros [Irão]*).

13 A região não tem obtido benefícios substanciais dos vastos lucros obtidos pela exploração de recursos energéticos. Acresce que a má gestão pelas multinacionais a operar na região tem resultado em inúmeros derramamentos de petróleo que afectam gravemente a população e as actividades tradicionais de auto-sustento, tal como as pescas e a agricultura.



que as quantidades transportadas pelo gasoduto irão exceder a procura europeia.¹⁴ Por último, é importante ter em conta que a região abrangida pelo gasoduto inclui focos de instabilidade extremamente voláteis.¹⁵ A tudo isto acresce ainda o facto de a companhia energética russa Gazprom estar envolvida no projecto do gasoduto. Ora, o fornecimento de gás natural por uma empresa com participação da Gazprom contraria o objectivo da UE em reduzir a dependência energética da Rússia.

Diversificar fontes energéticas envolve, no essencial, alargar o leque de fornecedores de energia. Neste contexto, a Nigéria aparenta ser uma opção viável e um potencial parceiro estratégico, o que permitiria aumentar a segurança energética europeia. Nessa medida, o balanço das variáveis em jogo atribui vantagem ao GNL sobre o Trans-Saharan Gas Pipeline. No entanto, seria um erro excluir por completo da equação o risco que representa a instabilidade na Nigéria. Os diversos focos de tensão social e política estão longe de estar resolvidos. Isto dito, os factores de risco e as oportunidades não deixarão seguramente de ser tidos em conta pela UE na sua interacção com Abuja.

¹⁴ "Trans-Saharan gas pipeline operational by 2015 if obstacles overcome" (*North Africa Post*, 26 de Novembro de 2012).

¹⁵ O gasoduto atravessa o norte da Nigéria, o Mali e o sul da Argélia. Grupos separatistas e jihadistas, como os Tuaregues, o Boko Haram, o Ansar Dine e a Al-Qaeda no Maghreb (AQIM), representam ameaças constantes a infraestruturas energéticas e interesses estrangeiros nas regiões em que estão presentes.

EDITOR | Paulo Gorjão

EDITOR ASSISTENTE | Gustavo Plácido dos Santos

DESIGN | Atelier Teresa Cardoso Bastos

Instituto Português de Relações Internacionais e Segurança (IPRIS)
Rua da Junqueira, 188 - 1349-001 Lisboa
PORTUGAL

<http://www.ipris.org>
email: ipris@ipris.org

IPRIS Comentário é uma publicação do IPRIS.

As opiniões expressas são da exclusiva responsabilidade dos autores e não refletem necessariamente as opiniões do IPRIS.

Gold Sponsor



Silver Sponsor



Parceiros



Mecenas

